



Filme de 2020, sobre as emoções da comida, ainda pode emocionar e nos levar às lágrimas

• PAGs. 8



Cena do emocionante filme Ramen Shop - Negócio de família, que pode ser visto na Netflix

Péricles Rocha expõe a nova e vibrante coleção de arte “Meus Caminhos” na Casa do Maranhão

• PAG. 6

Divulgação



MULHER
bonita, empresária de sucesso na área de eventos de luxo, Kamila Paixão traz no sobrenome a força e a determinação de uma mulher à frente do seu tempo. E para celebrar 10 anos como empreendedora bem sucedida, reuniu parceiros e concorrentes numa agradável confraternização

• PAG. 4 e 5

Gosto de escrever nas horas quietas da noite por causa de todo o enorme silêncio que cai sobre o mundo. E era assim que me achava, entregue a uma batalha desigual com as teclas, pois as palavras não me ouviam e as frases me escapavam sem cadência ou ritmo, quando percebi sinais de vida naquela casa junto à escadaria, abandonada e deserta desde sempre. Agora eu podia ver ali o retângulo iluminado de uma janela e as seis pessoas que jogavam cartas.

Eram três homens e três mulheres. Conversavam a intervalos, mas me impressionou a tensão de seus longos silêncios. Não sei que jogo requer seis jogadores. Mas tenho curioso rodadas de bridge, de pôquer, de pife-pafe (como corresponde à minha ignorância na matéria) e recorro que os jogadores reservam um quarto de atenção para as cartas e talvez três quartos para assuntos triviais. Falo, é claro, desses jogos entre amigos, em que não se apostam mais de cinco reais por mão. Alguém conta um incidente que presenciou a

O TOM NOTURNO

dos silêncios, das assombrações e dos mistérios da Ilha de São Luís

tarde no trânsito, enquanto persegue um valete de ouros, outro comenta algum pequeno escândalo, enquanto pesca um rei de copas.

Não era o que acontecia bem ali na minha frente, no centro do retângulo iluminado. Havia muitos megatons de concentração naquelas faces, como se daquele jogo dependesse algo além da compreensão humana. Ninguém falava em incidentes triviais ou em algum mínimo escândalo. Dava para notar que quando se dirigiam uns aos outros suas faces estavam sérias e suas frases eram breves.

O que jogavam eles naquela mesa? Uma imensa fortuna? Tinham cometido o crime perfeito e quem ganhasse se veria na posse de um dinheiro maldito e inesgotável? Não me pareceu. Falava culpa em seus olhos, faltava-lhes essa adoração miúda pelo ouro, essa ambição que turva as mentes e acelera os corações.

O que jogavam? Um segredo? Cada jogador era depositário de um enigma terrível que dizia respeito aos outros cinco e ao final os perdedores deviam confessar algo de assustador e inquietante e o único vencedor se manteria

calado, sabendo que dali para frente teria de conviver só com sua própria e tremenda verdade não-revelada e que isso o convertia no maior dos perdedores?

O que jogavam? Seu destino? As cartas ditariam o rumo que deveriam tomar suas vidas, por um pacto não-escrito, mas tão solene e irrevogável que nenhum deles ousaria rebelar-se contra essa sentença irreversível? E aqueles homens e aquelas mulheres mostravam-se assim tão angustiados porque seus caminhos estavam traçados nas cartas e já não haveria como desviar-se, por mais trágicos que fossem?

São perguntas sem resposta. Pois se apagaram todas as luzes desta rua e das ruas próximas e fez-se uma treva espessa e insondável sobre este canto esquecido do Centro de São Luís e eu adormeci e quando despertei as luzes tinham voltado, mas não havia qualquer retângulo iluminado nem qualquer janela na casa abandonada e deserta junto à escadaria, somente um vago clarão espectral que suponho seja o tom noturno dos mistérios que jamais desvendarei.

Fotos/Divulgação



Lorena Saboya na moldura de Camila Serra e do ex-ministro Sarney Filho



Graça Soares Amorim e o des. Luiz Gonzaga

AUTÓGRAFOS

de Lorena Saboya em noite que reuniu muitos maranhenses em Brasília

Em noite bastante concorrida, com a presença de autoridades do judiciário, da administração pública federal e estadual, advogados, técnicos, estudiosos da área ambiental do Brasil, familiares e amigos, a Advogada Lorena Saboya,

lançou em Brasília, seu livro "A história da Política Nacional de Resíduos Sólidos", no dia 25 de outubro, na Casa do Maranhão.

A obra de Lorena Saboya é resultante da sua tese de Doutorado em Políticas Públicas pela UFMA, que teve como propósito avaliar

o processo de formulação da referida política. O livro constitui uma contribuição crítica e uma ferramenta disponível à literatura sobre resíduos sólidos.

Coube ao amigo Francisco Soares (subsecretário da SECID DF), a cuidadosa organização da noitada.



Victor Bicca Neto e Lorena Saboya



Juiz Federal Roberto Veloso



Erlon Soares (marido de Lorena Saboya)



Raul Saboia



Carlos Martins (ex-ministro do Meio Ambiente de Portugal)



Lorena com o irmão Gilvan e a mãe Fátima Saboya



Advogado Marco Lara



Procurador Geral de Justiça do MA, Eduardo Nicolau, com o des. Luiz Gonzaga



Fátima Saboya com os filhos Elias Rebelo Vieira Junior (Teté Saboya) e Lorena e Tatiana Costa (vice-pres. da OAB-MA)



Procurador do TCE, Paulo Reis, Adv. Priscila Reis, Luciana Marques, Advogado José Sobral Neto e Gabrielle



Juizes Federais Antonio Scarpa, Márcio Sá Araújo e Pablo Dourado



Francisco Soares e Lorena Saboya



Maria Vandira Peixoto e sua filha Manuela

POUCAS PALAVRAS EM MANUEL BANDEIRA

A poesia é a arte das poucas palavras. Não das palavras escassas, enxutas, áridas, secas, torcidas como arame farpado e expostas nos eventos suntuosos que celebram os talentos mínimos. Não das palavras úmidas e sebosas que compõem a redundância do sentimentalismo industrial. Mas das palavras como pontas de iceberg, para usar uma imagem comum, mas clara. Como boia de gigantescas redes submersas, que ao serem vistas na madrugada dizem tudo sobre o que trazem no ventre, se peixes ou sargaços.

São como estrelas solitárias antes das tormentas, que representam todo o céu ainda encoberto, promessa do que virá na bonança. Palavras precisas, mas sem precisão cirúrgica, já que a poesia não serve para retalhos, cortes superficiais ou profundos, sangramentos ou costuras. Mas com grandeza suficiente para resumir uma legião num gesto, uma civilização num jarro, uma guerra perdida ao longo de dez continentes, representada por um único funeral, chorado por quem não deveria ter sobrevivido.

Para o poeta que analisa poesia, a exegese também obedece a esse sumário de necessidades fundamentais. Basta uma frase, um parágrafo, uma citação para Manuel Bandeira chegar ao núcleo do poeta abordado em sua Apresentação da poesia brasileira. O livro, relançado pela CosacNaify dentro das comemorações do ano dedicado a Bandeira, contém, em sua cara-metade, uma antologia primorosa dos principais poetas brasileiros desde a proto-História da América Portuguesa até os movimentos de vanguarda como Modernismo, Concretismo e Praxis. Nascido clássico, por ter sido criado por um Mestre que teve a paciência de militar no grande varejo da cultura literária do país, a obra abrange muito sem utilizar páginas em demasia. Por isso tornou-se referência de todos os manuais sobre o tema, já que, além dos movimentos literários e dos seus principais destaques, o autor cuida também de incluir algumas poucas palavras dos seus pares, críticos selecionados e obrigatórios, que também se debruçaram sobre o que está sendo apresentado.

A primorosa edição teve quase só qualidades, como o volume de grande esmero visual e gráfico, a reprodução cuidadosa de capas originais dos livros citados e um posfácio decisivo de Otto Maria Carpeaux, que coloca na roda, num texto de erudita simplicidade e clareza, o mais importante poeta praticamente ignorado na antologia, ou seja, o próprio Manuel Bandeira. Mas contém alguns pecados, como destacar as boutades de Bandeira contra algumas vacas sagradas da poesia, no trecho de Alcides Villaça na contracapa do livro. Dizer que Bandeira foi, além de "sutil e sugestivo" em "cada inspirado approach", também "curto e grosso", não leva em conta o essencial da obra. Pois não se trata de de elencar curiosidades – as denúncias contra alguns cânones – mas exatamente a de poder dizer muito com poucas palavras.

Rastrear as origens da inspiração de grandes poetas, como Bandeira faz especialmente nos autores até o século 19, é, mais do que provocações, um sincero relato das raízes de nossa literatura, que, como o país, começou com a clonagem e foi se desdobrando e ganhando originalidade com o tempo, não apenas com o espaço de vida dos autores, que começam plagiando e acabam adquirindo voz própria. Fica, portanto, incompleto o juízo sugerido pela apresentação de Villaça, pois algumas colocações fortes de Bandeira, desprovidos do seu contexto e pinçados como a forma de atrair a atenção dos compradores do livro, acabam resvalando para a injustiça. Ele disse realmente que alguns

versos oswaldianos são de um romancista em férias, mas isso não mostra a grandeza atribuída por Bandeira ao mais representativo poeta modernista. O mesmo sobre Mario de Andrade, com quem Bandeira manteve extensa correspondência por 22 anos e que na contracapa acaba sofrendo mutilação provocado por aspas súbitas.

Há ainda, agora na própria obra, a ressalva do voo superficial sobre muitos autores e fases da poesia brasileira, o que é de se esperar num manual que tenta abarcar três séculos de produção em mais de 200 páginas de análise e 250 de poemas selecionados. Isso nada tem a ver com a síntese celebrada no início desta resenha, já que o tiro certo do poeta sobre seus destaques jamais peca pela leveza ou superficialidade. O que falta é mais paciência para tratar muitos poetas com a mesma desenvoltura com que ele trata os de sua preferência. Mas isso seria pedir demais, já que, se deixou praticamente de lado Mario Quintana, dedicou-se com gosto a Cecília Meireles e Augusto Frederico Schmidt.

Mas o forte da sua antologia são os primeiros tempos da saga poética brasileira, ou melhor, a época que vai do berço até os simbolistas. São páginas antológicas e esclarecedoras sobre os gongorizantes e árcades, românticos e parnasianos, num balanço que sabe ser, à luz desse enfoque das poucas palavras, minucioso e abrangente. Em cada item analisado, há sempre a contribuição oportuna tanto do exegeta brilhante, como do estudioso ético, que cita os críticos que ajudam a lançar luzes sobre os temas.

Ler Manuel Bandeira, é recuperar o gosto não só pela História da literatura brasileira, mas também mergulhar em obras que fazem parte do nosso imaginário e que está dispersa na atual vida nacional, em que perdemos a pista dos nossos parâmetros e ficamos esquecidos da nossa formação, fruto talvez do excesso do consumo desses tipo de cultura em épocas passadas.

Quando Bandeira chega no modernismo, fica claro essa exaustão verde-amarela do pensar o Brasil de todas as formas, de tentar desengessar o país de suas amarras, de propor saídas para a percepção coletiva do que somos, de onde viemos e para onde vamos. Mesmo os autores que ficaram à parte da febre, exibem na sua solidão a postura explícita de confronto ao que ocupava as mentes nacionais na primeira metade do século vinte, pelo menos até os anos 1940. Eis aí a importância desta obra, pois ao resgatar o sabor do Brasil e sua grande e secular poesia, Manuel Bandeira nos entrega uma obra arejada, sem os vícios tão combatidos pelos modernistas como ele, e que possuem essa capacidade de servir de referência para a quantidade de informações e arte que circula ao redor de palavras escolhidas.

É uma farta sementeira contida em alguns esboços, páginas, parágrafos e capítulos. Não que Bandeira nos empurre para o passado, ao contrário. Ele nos conquista para as ocupações dos nosso grandes poetas, para a atualidade de recados que ganharam a permanência, para a força de obras que foram geradas no ventre do país complicado.

É tocante revisitar não apenas o trabalho crítico do poeta eterno da Evocação do Recife e de tantos outros poemas inesquecíveis. Mas também ouvir a voz novamente de Gonçalves Dias, Castro Alves, Alphonsus de Guimaraes, Olavo Bilac, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, entre tantos outros. Ficamos encantados com esse tesouro que redescobrimos. Temos assim a chance de lembrar o país que fomos e que, se a continuidade da poesia permitir, sempre seremos.



ILA LAGO Levinsohn e Lenita Lago Bello são irmãs bonitas e charmosas. A primeira, mora no Rio de Janeiro, e Lenita desfila sua beleza inconfundível em São Luís. Neste sábado, Lenita comemora 80 anos bem vividos e ainda conserva a mesma beleza da juventude

Verdade é que acabou

Finalmente, acabou a campanha que dividiu famílias, afastou amigos, levou pessoas sensatas a desejarem a morte de quem discordava de suas posições políticas.

As feridas ainda levarão tempo para cicatrizar, mas precisamos ter em mente que a democracia é assim: uns ganham, outros perdem, e, quatro anos depois, tem de novo. Aliás, daqui a dois

anos estaremos escolhendo prefeitos e vereadores e, espero, com a maturidade necessária para entender que a política exige entendimento.

Quem torce contra o vencedor de uma eleição, seja prefeito, governador ou presidente, está jogando contra si mesmo. A nenhum de nós há de interessar o

desabastecimento, consequência dos bloqueios de rodovias.

Crianças ficaram na estrada a caminho da quimioterapia, adultos doentes perderam sua sessão de hemodiálise, homens e mulheres gastaram um tempo precioso retidos em rodovias porque um grupo de fanáticos resolveu contestar o resultado da eleição.

Verdade é que acabou...2

O Brasil precisa se reconciliar com urgência. Não é razoável que numa cidade pequena como Presidente Dutra, onde nasci, em outros municípios se promovam um boicote aos comerciantes que demonstraram simpatia pelo presidente eleito ou simplesmente aceitaram que o resultado da

eleição expressa a opinião da maioria, ainda que seja uma maioria apertada.

É criminoso que grupos descontentes com o resultado da eleição saiam às ruas pedindo golpe militar.

De minha parte, garanto que continuarei fazendo o que faço há mais de 50 anos: jornalismo. Todos

os partidos que aí estão já estiveram no poder, direta ou indiretamente. Sei que nenhum gosta de críticas.

Sei que não serão fáceis os próximos quatro anos, mas temos de estar preparados para enfrentar as patrulhas e trabalhar pela informação correta, em contraponto ao vale-tudo das redes sociais.

Três maranhenses

Pelo menos três maranhenses têm chances reais de serem chamados para ocupar algum cargo no futuro governo do presidente Lula.

São eles: o senador eleito Flávio Dino; a senadora Eliziane Gama; e a deputada federal eleita pelo estado de São Paulo, Sônia Guajajara.

Se serão nomeados ou se aceitarão o convite, caso haja, não sabemos. Mas os três tiveram um importante papel na campanha presidencial de Lula.

Outro ministério

Sobre Flávio Dino, as especulações dão conta de que ele só não assumirá o Ministério da Justiça se não quiser.

Mas uma fonte deste Repórter avalia que dificilmente Dino trocaria o Senado pelo Ministério da Justiça, porque é uma pasta burocrática, uma espécie de delegacia do Governo Federal, com pouca visibilidade nacional.

Algo que não estaria nos planos de Dino, que almeja uma presença na mídia de forma mais efetiva, de maneira que lhe cacife para uma disputa presidencial em 2026.

Protagonismo de Eliziane

Sobre Eliziane Gama, é verdade que ela não tem uma relação tão estreita assim com Lula nem com a cúpula do Partido dos Trabalhadores.

Mas o fato de ter assumido uma posição em apoio a Lula que custou a Eliziane uma briga com parcela dos movimentos evangélicos deu à senadora maranhense, nas duas últimas semanas de campanha, um protagonismo extraordinário.

A ponto de ser uma das duas únicas lideranças políticas citadas previamente no discurso de vitória de Lula na avenida Paulista.

Povos originários

Talvez não esteja nem nos planos de Sônia Guajajara assumir um cargo no Governo Federal a partir de janeiro.

Mas ela é uma liderança natural e pode vir a ocupar o futuro Ministério dos Povos Originários, cuja criação foi anunciada por Lula ainda na campanha.

Nascida na terra indígena Araribóia, no interior do Maranhão, Sônia foi considerada este ano, pela prestigiada revista "Time", uma das 100 pessoas mais influentes do mundo.

Crivo de Flávio

A disputa agora da classe política, nos meses de novembro e dezembro, é pela indicação de cargos do Governo Federal no Maranhão.

Há muitas pastas importantes que deverão ser pleiteadas por aliados de Lula, como Funasa, Codevasf, Iphan, Inbra, DNIT e outros.

Corre à boca miúda que o senador eleito Flávio Dino terá a palavra final sobre os nomes que o PT maranhense pretende sugerir para a gestão dos órgãos federais no estado.

Homenagem a Lucy Teixeira

A escritora Lucy Teixeira, que completaria 100 anos no último mês de julho, receberá homenagem dupla da Academia Maranhense de Letras.

Para celebrar o centenário de Lucy, o presidente da AML, Lourival Serejo, acabou de receber da gráfica a reedição de "Elegia fundamental", que inclui também o livro "Primeiro palimpsesto".

É prepara para breve o lançamento de uma volumosa obra em homenagem a Lucy, organizada pela acadêmica Ceres Costa Fernandes.

GALANTEIOS, NUNCA MAIS?

Comentário muito lúcido de Linomar Bahia, em O Liberal, de Belém do Pará.

Ele diz que situações e hábitos inseridos no cotidiano das pessoas e nas instituições nos últimos tempos têm feito com que tudo pareça caminhar ao contrário, especialmente naqueles momentos e ações que influem no comportamento humano e nas posturas estatuídas. Há uma torrente de atos e práticas controversos e questionáveis na atuação de poderes constitucionais e de seus membros, flexibilizando os conceitos da democracia clássica, afetando a convivência social nas condutas e nos condicionamentos legais, numa troca de sinais, em que o certo e natural passa a ser considerado errado, sem que a recíproca seja verdadeira.

Houve, por exemplo, tempo em que as mulheres gostavam de ser cortejadas, com galanteios sobre a elegância do andar, o bom gosto no trajar ou desfrutando de alguma prioridade, entre outras formas que elevavam a autoestima e exaltavam os encantos femininos. Ultimamente, todavia, qualquer palavra ou gesto nesses ou outros sentidos passou a ser de alto risco, passíveis de gerarem boletins de ocorrências policiais, processos judiciais e, até, cadeia, arrolados num indefinido e caudaloso mar de incidências, resumidas na subjetividade que passou a ser cognominada genericamente de "assédio".

Todo cuidado será pouco em circunstâncias que envolvem a qualidade das relações humanas nas sociedades civilizadas, à revelia do verbete "cortejar", descrito pelos dicionaristas como verbo transitivo direto, tendo como sinônimos "galantear", "namorar" e, para os "puxa-sacos", "bajular" e "adular". Provém do "corteggiare", com que os italianos designavam "cuidar de alguém de maneira delicada; tratar uma pessoa com cortesia, educação e gentileza, oferecer a corte à mulher e trocar cumprimentos cordiais". Voltamos aos rudimentos? galanteios nunca mais? Femininas de raiz estão reagindo.

Vivemos dias em que noticiários priorizam tragédias e desmandos em consequência dos ânimos, cada vez mais exaltados, em todos os locais e atividades públicas e privados. Manifestações de estresses se sucedem nos ambientes familiares, em locais de trabalho e em espaços sociais, onde simples divergências de qualquer natureza passaram a constituir estopim para violências e desfechos imprevisíveis. Há situações que, em condições normais de temperatura e pressão, deveriam ser celebradas por todos, ganham dimensões inconcebíveis, como agora, nas reações adversas sobre redução nos combustíveis.

São questões que, como na subjetividade do "assédio", a razão é superada pelas emoções políticas e ideológicas, na celebração e na condenação, dependendo de que lado está o interesse refletindo as animosidades destes tempos. Embora pareça difícil desarmar e reconciliar grupos tão beligerantes, sempre fará sentido o apelo a uma racionalidade, num freio de arrumação pelo bem de todos e felicidade geral da nação. A exemplo do que ocorreu na guerra do Vietnam, nos anos 1955 a 1975, seria o caso de restaurar o apelo "Faça amor, não faça a guerra", que sensibilizou o mundo e influenciou no fim do conflito.



UMA VELA ACESA simboliza nossa magia através de suas chamas. É a iluminação, o caminho de luz. Nos textos bíblicos, Deus se manifestou a Moisés em forma de fogo. Daí a razão de usarmos as velas na magia. Esta prática tem como objetivo ativar, manter vivo, simbolizar o elo de ligação de nossos pensamentos e desejos com o mundo angelical através da manifestação do nosso Eu Superior. No Dia de Finados, portanto, acendi uma vela e ativei todas as forças da natureza para pedir a Deus por aqueles que a nossa saudade não deixa morrer nunca

Nossa matéria-prima de todos os dias

Pensando num encantador de palavras, como Machado de Assis ou Jorge Luis Borges, reflito sobre esta nossa matéria-prima de todos os dias.

– A forma é tão sublime quanto o conteúdo – proclamou o mestre Machado. As duas coisas se encontram e passam a ser uma só. Porque a palavra tem alma.

Num semestre de tantas feiras literárias, no Brasil e no mundo, convém refletir sobre essas palavras que se transformam em feixes de emoções, num romance, ou em patrimônio dos povos, num papo coloquial.

Uma palavra nasce, vive e morre – e o seu uso ao povo pertence. A origem de uma palavra – tanto na sua forma mais antiga quanto em alguma etapa da sua evolução – presta-se para um divertido "quebra-cabeças".

Nossa matéria-prima de todos os dias...2

Não há nada mais divertido do que a etimologia, ou seja, a evolução e o "drible", na história de cada palavra.

A palavra "secar", por exemplo. Vem do adjetivo latino siccus – um. Aquilo que é desprovido de umidade ou de líquido, enxuto. Mas a sua atualização verbal resulta no verbo "secar", hoje muito em voga entre as torcidas do vitorioso Sampaio Corrêa e de seus adversários.

Imprimindo às palavras um pouco da teoria darwinista da evolução, e com a cumplicidade do publicitário Márcio Bueno, autor de uma divertidíssima dissecação vernácula das origens (A Origem Curiosa das Palavras), chegamos à conclusão de que as palavras cumprem hilariante trajeto até chegar ao seu significado corrente. Como se verá nas citadas a seguir:

Nossa matéria-prima de todos os dias...3

Secar: privar de água, pôr a seco, enxugar, desaguar, desalagar, desembeber, desensopar, ressecar, ressequir. Note o leitor que a palavra e seus sinônimos vão evoluindo, do sicca latino ao "secar" ibérico. Até se transformar quase em "Ressacada". Ou melhor, "Ressaca pura".

Torcedor: distorcer, desvirtuar, adulterar. O torcedor seria um doente que, de tão apaixonado pelo seu clube, costuma desvirtuar as notícias a seu favor. Basta ouvir a descrição de um lance de pênalti pelas torcidas rivais. Cada uma torce o lance "para o seu lado", daí resultando uma "torcida" sempre... torta.

Gorjeta: muito em voga no Brasil dos propinodutos, vem do francês Gorge, garganta, e deriva do hábito de se gratificar quem prestou o serviço de "molhar a garganta". Originalmente, o garçom. Hoje em dia, o mais provável é que o sujeito passivo da gorjeta seja um servidor público graduado.

Nossa matéria-prima de todos os dias...4

Propina: o termo "propina", além de sinônimo de "gorjeta", vem do latim pós-Império Romano, um latim tardio, portanto – propina queria dizer taverna. Lugar onde se conjugava o verbo Propinare – dar de beber. Sua semântica na América espanhola é de uma inocente "gratificação". No Brasil, é suborno. Propinare passou a ser linguagem corrente na política.

Candidato: não por acaso arrola, aqui, "candidato" na sequência de "gorjeta" e "propina". Tudo a ver. Mas na etimologia da palavra, nada a ver.

A origem remota do termo é o substantivo latino candidatus, que deriva do adjetivo candidus – alvo, puro, imaculado. O nome só foi adotado porque os romanos teriam descoberto o marketing político...

Os que aspiravam a algum cargo eletivo sempre se apresentavam em vestes brancas, como os senadores. Candidatos.

Pela evolução dos fatos, "candidato", hoje (na maioria dos casos), é exatamente o antônimo de candura, alvura.



UZÉBIO de Oliveira Cavaignac reunido com as suas filhas Monique, que mora no Rio de Janeiro, e Danielle Cavaignac. Dedicadas, elas estão sempre ao lado dele, cercando-o de carinho e muito afeto, como aconteceu na semana passada quando ele comemorou 93 anos

Rescaldo da campanha

Políticos maranhenses que participaram da recente campanha eleitoral são unânimes quanto a um ponto cruel da disputa: falta de dinheiro.

Todos, sejam do governo ou da oposição, se queixam da escassez de

recursos materiais para fazer face à propaganda eleitoral, realizada com pouco material promocional e ausência de eventos políticos que chamassem a atenção do eleitorado.

Os candidatos às eleições proporcionais,

vitoriosos ou derrotados, que pensavam poder se aproveitar da eleição do segundo turno, para obterem vantagens pessoais dos candidatos aos cargos majoritários, deram-se mal, pois não conseguiram ver a cor do dinheiro de ninguém.

Fotos/ Divulgação/Herbert Alves



Mara Targino



Gisele Diniz



De Cavalcante



Aline Zaffe



Vivi Santiago

UMA BELA NOITE

de alegria e conagraçamento no charmoso espaço de festas Villa Reale Buffet

O Villa Reale Buffet, na avenida dos Holandeses foi o palco escolhido pela empresária Kamilla Paixão para reunir todos os empresários do segmento, bem como cerimonialistas e outras pessoas ligadas a eventos para celebrar com uma grande festa os 10

anos de atuação no mercado maranhense.

Com o dinamismo de sempre, ela convocou todos os empresários que atuam no setor para uma balada animadíssima.

Kamilla era o próprio retrato da alegria, orquestrando o evento que reuniu os principais nomes que atuam nesse

segmento em São Luís.

O resultado foi uma festa muito bonita e agradável, com a marca de bem receber do Villa Reale, que se esmerou em oferecer um serviço de alta qualidade para os concorrentes e influenciadores desta Capital, com a boa música de PP Junior e da cantora Fabrícia.



Kamilla Paixão com as filhas Ana Caroline e Ana Paula



Mayara e Francisco Henrique Sipaúba



Membros da Associação dos Proprietários de Casas de Eventos de São Luís-Maranhão: Reginaldo Ferreira, José Américo, Suzzy, Adriana Goulart, Pedro Robson Holanda da Costa, Kamilla Paixão, Oliveira, Marina Coutinho, Hécio Valtsman, Francisco Henrique Sipaúba e Mayara



Cerimonialistas Francine Rossini, Deiliane Pereira, Camilla Paixão, Luanne Durans, Flávia Mota, Simone Menezes, Walquíria Moraes e Fabrícia



Cerimonialistas Simone Castilho, Gisela Diniz, Luciana Ennes, Elda Damasceno, Marcelo Claudio, Kamilla Paixão, Chayline Torres, Walquíria Moraes, Edvânia Moura e Thuanny Garrido

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Walquiria Moraes



Nubia Oliveira



Francine Rossini



Chayline Torres



Camila Soares



Kamilla Paixão e Adriana Goulart



Kamilla Paixão e Cristiano Barroso Fernandes



Kamilla Paixão entre as irmãs Helena e Marina Coutinho



Gustavo Belfort e Helena



PP Junior, Anderson Galdino, Cristiano Fernandes e Carlos Oliveira



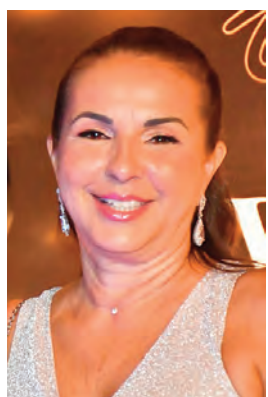
Ilka Brandão



Deyvison Machado e Selma Sereno com a anfitriã



Kamilla com o secretário de Turismo Municipal, Saulo Santos



Claudia Gaspart



Jacira Haickel



Fábio Henrique e Odilon (da AJE) com a anfitriã



Thiago Pimenta e Saulo Freira com a anfitriã



Cleo Pacheco



Anny Letícia Ximenes



Anderson Galdino



Kivânia e Benedito Ferreira



Deiliane Pereira e Mara Targino



Fernando Duailibe e Cláudia Ávila

Fotos/Divulgação/Djalma Raposo



Esta tela é gigante. Péricles aproveitou uma lona de caminhão que vai enfeitar uma das propriedades de Luisla e Augusto Bottino

SUCESSO

a exposição “Meus Caminhos”, de Péricles Rocha, no salão de eventos da Casa do Maranhão

O artista plástico Péricles Rocha realiza nesta sexta-feira, às 19h, a abertura da exposição “Meus caminhos”, no salão de eventos da Casa do Maranhão, na Praia Grande. A exposição reúne 30 pinturas em acrílico sobre tela com recortes das andanças do artista pelo Maranhão profundo e pelo mundo.

Artista em tempo integral: De acordo com o jornalista e poeta Félix Alberto Lima, membro da Academia Maranhense de Letras, que assina o catálogo de “Meus caminhos”, nos trabalhos desta exposição “Péricles Rocha compõe parte significativa da história das artes plásticas no Maranhão das últimas quatro décadas. É um artista em tempo integral, disciplinado, intenso, e que não faz concessões para manter viva a exuberância de traços e cores inconfundíveis, abrolhados no sertão do imaginário popular, ainda na infância da pequena Benedito Leite”.

Alma Peregrina – “Meus caminhos” – continua Félix Alberto – é uma exposição que mapeia a alma peregrina de Péricles Rocha,

que revela a imensidão de alegorias que vem pavimentando o destino do artista. De Codó a São João dos Patos. De São Luís a Alcântara. Do Rio de Janeiro a Florença. As impressões do andeço estão em toda parte, nessa comunhão de mitos e lendas e nas delicadas epifanias entre o sagrado e o profano que povoam a maturidade do artista, agora impregnada em trinta telas de rara harmonia estética”.

Alquimia das cores – “Péricles Rocha conhece como poucos as belezas e as agruras do Maranhão profundo. Aprendeu ainda muito cedo a alquimia das cores que nascem do urucum, da tabatinga, do toá. O ocre, o amarelo telha, o verde sutil, o vermelho sangue e o azul discreto iluminam cazumbás, guarás, inhátimas, garças, paisagens, santos e quilombolas que desfilam nesse celeiro de inventividade do artista”.

Mundo onírico – “Ora lúdico, ora sincrético, o pintor cria suas próprias cores – as cores de um Maranhão barroco, incorpóreo, às vezes de um Piauí ancestral – para alcançar, sem freios, a sua

literatura de cordel numa tela de tecido ou esticada numa lona de caminhão de beira de estrada. Nos trabalhos desta exposição há o mundo onírico contado pelas pretas velhas do interior, as padroeiras, os santos do pau oco, os bichos de assombração, as brincadeiras de menino, a fé sem cabresto”.

Hierarquia sacrossanta – “Como um São Sebastião açoitado pelas flechas do acrílico sobre a tela, o artista está aprisionado na hierarquia sacrossanta dos anjos de catedrais em ruínas de Alcântara. A arte é o mangue. São os olhos de neon do bumba meu boi de Santa Fé. É a Festa do Divino. É o Barrica de Godão. É o Pai Francisco com a máscara do mestre Abel”.

Profissão de fé – “Eu pinto a gente que crer”, diz ele. E aqui estão histórias colecionadas pelo tempo. Para cada tela há um enredo, uma vida, um segredo, uma adivinhação, um degredo. A exposição “Meus caminhos”, portanto, é essa engenhosa profissão de fé. Péricles Rocha é meio Maranhão, meio norte. Arte emaranhada no mundo.



Péricles homenageou Alcione com uma de suas telas mais bonitas



O Pai Francisco foi uma das telas adquiridas por Amaro Santana Leite, que também levou Catirina



A juíza Anna Graziella Neiva Costa foi prestigiar o amigo Péricles



Maria da Cruz Barbosa abrindo a exposição “Meus caminhos”, de Péricles Rocha



Péricles com os marchands Reges Gella e Keila (Fast Frame)



Péricles com a banqueteira Célia e o marido Adolfo Rossetti



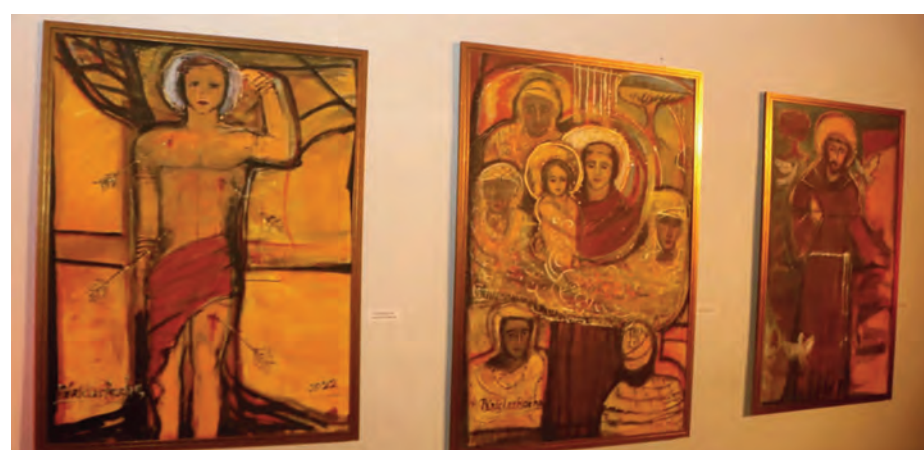
Félix Alberto Lima, Péricles Rocha, o Repórter PH, Luís Carlos Mathias e Amaro Santana Leite



A charmosa arquiteta Patricia Soledad



Péricles Rocha fez uma grande surpresa para a amiga e marchand Maria da Cruz Barbosa (da Mazzullo) e retratou os dois nesta linda tela



Três pelas telas da exposição de Péricles Rocha



O original Cazumbá da Baixada



Péricles na moldura de Maysa Dias e Cybele Lauande

REALIDADE ENCANTADA

Há várias maneiras de “encantar” a realidade e a maioria delas incomoda o vizinho. Música alta, dosagens de álcool, drogas de diversos tipos: há uma fuga em massa para estados alterados da consciência, para usar uma expressão quase antiga, que pertence a esse passado próximo, que antecedeu a atual exaustão do mundo.

Os tipos mais inofensivos de escape dos excessos do noticiário (essa mesmice embalada pelo tom novidadeiro) são os hobbies, mas parece que estes estão em desuso. Não há mais concentração para colecionar figurinhas e quando isso ocorre há uma decepção coletiva que joga os álbuns de volta ao buraco escuro de onde vieram.

Uma das formas mais poderosas de ver a realidade com outros olhos ainda é a busca de informações ocultas e isso nem sempre tem a ver com ocultismo. Garimpar o conhecimento desprezado, o livro jogado fora pelo tempo, o episódio obscuro da história, o enigma de uma paisagem assombrosa que incendeia a imaginação: esse é o caminho que mais frutifica ao optarmos por descolonizar o olhar.

É certo que essa atividade pode descambar para situações sem importância, como empilhar curiosidades ou usar o acervo acumulado para se diferenciar nas conversas. Mas o mais gratificante é que a caça de algo que passou despercebido, a nota de rodapé que abre uma porta infinita de possibilidades e especulações, nos ajuda a transcender esse hábito forçado de ter de encarar tudo da mesma maneira, todos os dias.

Uma das mais fecundas atividades humanas hoje é peitar esse eterno presente, definido por uma série de forças do obscurantismo, como se ele fosse nosso único destino.

Um tema recorrente no cinema e na literatura é a viagem de volta às origens, quando se tenta resgatar o elo perdido, o deslumbramento da primeira visão do mundo, o ambiente que nos formatou nos primeiros anos. Essa viagem hoje é facilitada pela quantidade gigantesca de informações disponíveis, em que é possível reencontrar pessoas, lugares e reviver situações. Há o perigo de ser uma travessia saudosista, geradora de mais frustração, mas a busca pelas raízes pode transpor o umbral doméstico e encontrar, no Mito ou na História, territórios férteis para nele podermos habitar nosso coração.

Uma das minhas alegrias quando vou a São Paulo ou a Paris sempre é visitar os sebos. Livrarias antigas com vários andares de obras perdidas fazem a festa da minha curiosidade. Aos poucos, persigo aqueles livros de uma só edição que deixaram de ter importância e que estão à mercê das traças. As preciosidades fornecem a cola onde grudam acontecimentos conhecidos, que na superfície não fazem muito sentido, mas lá no fundo da estante ou da gaveta guardam a chave de muitos enigmas.

O importante é não se conformar com o que sabemos ou vemos e encarar com ousadia o mistério, sem dar importância para as críticas. Pois sempre haverá quem diga que as coisas não são bem assim como você está percebendo, e que não é “bem por aí”.

O conceito de “por aí” é vasto e serve para desviar vocações, tirar o fôlego antes de alguma caminhada. Dê de ombros, como se dizia há tempos. Você está prestes a chegar ao deslumbramento.

Evandro Júniorevandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/_evandrojr)
[@evandrojr](https://www.instagram.com/_evandrojr)

Iza, Preta Gil e muito mais no Tim Music

É neste fim de semana a primeira edição do Tim Music em São Luís, no Espaço Reserva, ao lado do Shopping da Ilha, com entrada franca. O evento, da plataforma de música da Tim, chega à capital maranhense em edição inédita com apresentações das cantoras Iza e Preta Gil e dos grupos Baiana System e Tribo de Jah. O querido jornalista e influenciador digital Oton Lima está assinando um espaço reservado somente para convidados vips com open bar e food, e é claro que vamos estar presentes nessa grande festa.

Iza é uma das atrações da programação do Tim Music, que acontece neste fim de semana em São Luís

- Além do ex-governador Flávio Dino, eleito senador, a senadora Eliziane Gama também está sendo citada como ministérioável nas mais diversas listas que circulam sobre a composição da equipe do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

- É que ela teve participação importante na campanha do líder petista ao participar do movimento de líderes evangélicos pró-Lula.

- Nada de colocar o carro na frente dos bois. O governador Carlos Brandão só deve montar sua nova equipe no mês de fevereiro de 2023, deixando os especuladores ainda mais curiosos e ansiosos. Ele já avisou que vai formar uma equipe afinada com o governo central.

- Vem aí a terceira edição da Festa da Música no Maranhão 2022 (FMM), um dos projetos culturais mais relevantes no segmento musical maranhense.

- O evento será realizado nos dias 9, 11 e 12 de novembro com apresentação do Ministério do Turismo (Lei Federal de Incentivo à Cultura) e patrocínio da Equatorial Maranhão (Lei Estadual de Incentivo à Cultura).

- A programação começa na próxima quarta-feira (9) com as oficinas culturais no Estaleiro Escola do Sítio Tamancão, contemplando crianças e jovens.

- No dia 11, acontece o Prêmio Papete, no Villa Reale, em evento fechado para convidados e premiados. Este ano, a grande homenageada é a cantora Alcione, que completa 50 anos de carreira.

Eleições de 2024

O deputado estadual Neto Evangelista concedeu entrevista, na última quarta-feira, ao jornalista Clóvis Cabalau no programa Bastidores, da TV Mirante. Entre outras coisas, ele disse que poderá sair candidato a prefeito de São Luís nas eleições municipais de 2024. Ele mencionou a eleição municipal de 2020, quando obteve mais de 83 mil votos.

Ele brilhou

O deputado federal reeleito André Fufuca (PP) e suas bochechas de maçã brilharam no pronunciamento do presidente da Câmara Federal, deputado Arthur Lira (PP), sobre o resultado das eleições, transmitido em rede nacional de televisão. Ele permaneceu o tempo inteiro ao lado de Lira. Afinal, além de ser o líder da bancada federal do PP, foi vice-presidente e presidiu a Câmara Federal, bem como foi vice-presidente e ocupou a presidência nacional do PP por vários meses.

Carreta musical

A presença de TODDY® no Nordeste será celebrada com duas ações especiais neste mês de novembro. A marca preparou uma homenagem aos consumidores da região por meio de embalagens comemorativas e da Vacarreta, uma carreta musical que vai levar diversão, música e convidados especiais para cinco cidades: São Luís, Fortaleza, Recife, Feira de Santana e Salvador.

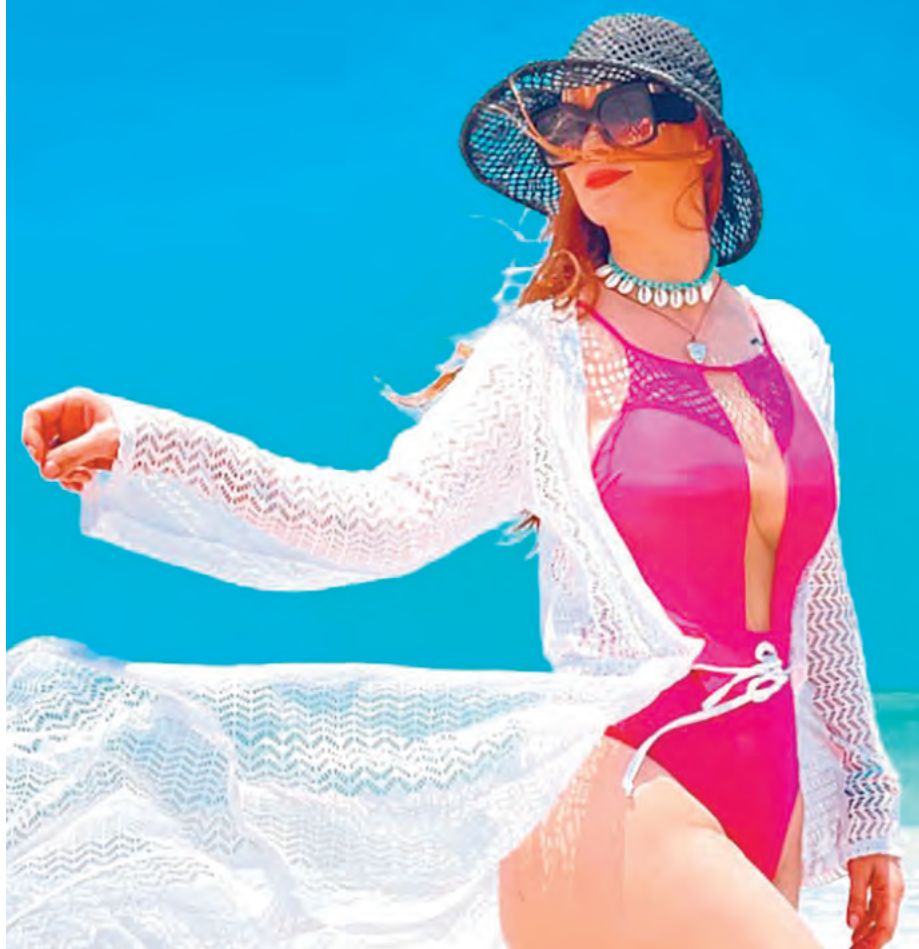
Pipoca doce

A primeira parada da Vacarreta é neste sábado em São Luís, onde ela estará no Mix Mateus Araçagi, das 15h às 18h. Os consumidores serão recebidos com uma estrutura que contará com música e distribuição de pipoca doce feita com o achocolatado, em um copo exclusivo da marca que as pessoas poderão levar para casa.



Neste sábado, a Terra Zoo realiza mais um Quixaba Experience, das 14h às 18h. Quem já foi a alguma das edições anteriores vira fã do evento que reúne boa música e gastronomia no bosque da Terra Zoo Conceito Quixaba, em frente ao Parque do Rangedor. Na foto, o diretor da Terra Zoo, Márcio Brasil, na companhia dos pais e fundadores da Terra Zoo, Manoel Vieira Brasil e D. Raimundinha, e do sobrinho Vitor Moraes, na edição anterior do evento

Na paisagem paradisíaca da Praia de Cumbuco, no litoral cearense, a beleza estonteante da influenciadora digital e empresária Paula Guimarães, que volta a pisar no Tapete com ainda mais graciosidade e simpatia



Ala jovem da cidade comemorou quando o nome do cantor cearense Eric Land foi anunciado para figurar na programação do Réveillon Sunrise, a ser realizado nos jardins no Hotel Blue Tree no dia 31 de dezembro. Com pouco mais de dez anos de carreira, Land é uma das revelações do novo forró



Muitas das memórias relacionadas com a comida vêm com aquela que era preparada em fogão a lenha

RAMEN SHOP,

ou como a comida e o vinho são capazes de nos emocionar e nos fazer chorar

A comida é o elemento vital da humanidade. Assegura-nos a sobrevivência e uma vivência menos angustiada. Tem um efeito de tal modo poderoso sobre nós que nunca esquecemos certos sabores e memórias em volta da mesa. E mesmo à hora da morte é a comida que dá algum consolo.

O crítico de cinema Jorge Mourinha escreveu que *Ramen Shop - Negócio de família*, do singapurense Eric Khoo, “fica-se por um anonimato inosso e sem paladar”. Eu voltei a ver a o filme esta semana e voltei a me emocionar.

O filme, de 2020, até pode não ser dos melhores como obra cinematográfica, mas a narrativa em volta das emoções da comida associadas aos nossos progenitores parte o coração de qualquer um, sobretudo quando já se perdeu os pais, como acontece com o protagonista do filme e comigo.

A comida é o elemento vital da humanidade. Assegura-nos a sobrevivência e uma vivência menos angustiada. Tem um efeito de tal modo poderoso sobre nós que nunca esquecemos certos sabores e memórias em volta da mesa. E mesmo à hora da morte é a comida que dá algum consolo.

Nunca vou esquecer as uvas verdes que a minha mãe pediu poucos dias antes de morrer e o efeito que esse pequeno prazer teve sobre ela, ao ponto de acreditar estar vencendo a doença. Eram os desejos e as melhoras da morte.

Um dia, já bastante doente, embora nem ela nem nós suspeitássemos ainda da gravidade da doença – era um câncer no pulmão –, foi ao jardim colher uns ramos de salsa numa horta que ela tratava com especial carinho. Embora aconselhada a não fazer esforço, colheu a salsa e fez um Arroz de bacalhau irrepreensível como sempre fazia.

Mulher que veio do sertão maranhense e com poucos estudos, cozinhava com gosto. Se eu ver num filme alguém se deliciando com uma galinha ao molho pardo acompanhada de um feijão verde com maxixe e jerimum feito numa panela de ferro no fogão a lenha, eu sei que vou chorar copiosamente. Esses pratos, de aparência pobre, mas muito ricos, eram o nosso grande alimento. Repetia sempre.



No filme, são marcantes as emoções do jovem cozinheiro Masato

Grande parte da comida era feita em fogão a lenha, em volta do qual em muitas noites nos aquecia do frio dos meses de junho e julho. Até o café levava uma brasa por cima. Na passagem de ano, a tradição era bebermos já noite fora uma deliciosa xícara de gemada, servida num bule esmaltado. Quando se desmanchava o leitão, adorava comer com broa as tiras fininhas de barriga e os charriscos de carne magra passados pelas brasas. E nunca voltei a comer torradas tão saborosas como aquelas que fazíamos com o calor das cinzas ardentes.

São muitas e ditosas as memórias que tenho da comida da minha mãe, recuperadas e perpetuadas agora pela minha irmã mais velha. As mais fortes, como é comum, formaram-se entre a infância e a adolescência. Mas uma das mais impressionantes aconteceu depois dos

meus cinquenta anos. A minha mãe já muito doente, um dia quis fazer um arroz de fava que deixava toda a família salivando. Comemos com o mesmo prazer de sempre, mas a chorar por dentro. Foi a sua última intervenção na cozinha.

Agora que falo nisto, dou-me conta que esses pratos fazem parte das celebrações dos aniversários dos meus sobrinhos. Sem perceber, talvez eu estivesse querendo lhes passar o gosto e as lembrança da avó que não conheceram, ou então era eu a querer trazê-la de novo até mim, porque é esse o grande efeito da mesa e dos sabores que se colaram a nós para sempre: divertimo-nos e alimentamos o corpo e a saudade.

Por vezes bebemos vinhos que nos despertam sabores e aromas primordiais. Isso é mais comum em vinhos com uma ligação forte à casta, como é o caso dos

vinhos de Moscatel, por exemplo. E também criamos lembranças saudosas relacionadas com a vinha e a vinificação. No entanto, por regra, a descoberta do vinho como bebida é quase sempre tardia, acontece já depois da adolescência, pelo que, em geral, não tem sobre a nossa memória a mesma intensidade emocional da comida.

No meu caso, pelo menos, não teve. Só comecei a gostar de vinho ai pelos 25 anos, quando pude começar a comprar as primeiras garrafas. Depois, muitas das melhores experiências do vinho foram-se dando fora do núcleo familiar. Nunca é a mesma coisa.

Ainda assim, já chorei com o vinho. Em alguns casos porque me emocionei com o seu caráter e pureza, em outros pelos efeitos do álcool. Um dos grandes fascínios do vinho é o de ser um belo

catalisador da memória e da lucidez. Pela sua mão, resgatamos vivências memoráveis e tornamos mais crua a nossa humanidade. Tanto pode nos deixar angustiados como momentaneamente felizes. Com frequência, costumo ir de um estado ao outro. E é quando chego àquele ponto de euforia sentimental que, sem saber bem se é de alegria ou se é de tristeza, por vezes colapso, como me aconteceu esta semana ao rever *Ramen Shop*. Neste caso, foi de tristeza, por simpatia e empatia com as emoções do jovem cozinheiro Masato. E não tinha bebido nada.

Ramen Shop bem pode fazer promessas de cozinha oriental de fusão, requintada e bem temperada, que o resultado final deste oitavo longa do singapurense Eric Khoo não passa de “comida de conforto” bem executada, mas insossa, sem surpresas nem rasgos. Nem é sequer falta de potencial: no seu melodrama sobre um jovem cozinheiro que procura retomar o contato há muito perdido com a família da mãe, existe espaço suficiente para trabalhar a emoção dos paladares da nossa infância, o modo como a ideia de “lar” tem menos a ver com um lugar específico do que com uma confluência de sensações e emoções.

Só que esse espaço nunca é verdadeiramente preenchido. Khoo escolhe permanentemente o caminho mais certinho, mais seguro, mais inofensivo, caindo até aqui e ali num didatismo histórico ou turístico demasiado ostensivo. *Ramen Shop* nunca arrisca, nem adianta grandemente às histórias de reencontros familiares; fica-se por uma ideia de bom gosto funcional e escapista, que não ofende, mas também não entusiasma e se esquece logo que o filme terminar. É o tipo de “conteúdo” que o “algoritmo” do Netflix gosta de recomendar – e fica tudo dito.